

**A presença da categoria experiência no âmbito da produção científica das subáreas
sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira**

*The presence of the category experience within the scope of scientific production in the
sociocultural and pedagogical sub-areas of Brazilian Physical Education*

Daniel Monteiro do Carmo Braga
George Ivan da Silva Holanda
Gabriel Carvalho Bungenstab
Universidade Estadual de Goiás - UEG
Goiânia – Goiás – Brasil

Resumo

Este artigo procura compreender como se dá a presença do termo “experiência” na produção científica da Educação Física (EF) brasileira. Para responder a essa indagação, num primeiro momento, o texto apresenta o percurso metodológico a partir de revisão de literatura, em termos de artigos científicos, em cinco revistas do campo da EF brasileira. No que tange aos resultados, notou-se que, apesar de quantitativamente o número de publicações sobre o termo não ser expressivo, qualitativamente o debate é intenso e plural. É plural, pois comporta diversas concepções do termo “experiência” de autores como Walter Benjamin, Larrosa Bondía, Hans-Georg Gadamer e Hildebrandt-Stramann. É intenso pelo fato de termos percebido a recorrência de artigos voltados para a formação de professores de EF.

Palavras-chave: Educação Física; Experiência; Pesquisa científica;

Abstract

This article seeks to understand how the term “experience” is present in the scientific production of Brazilian Physical Education (PE). To answer this question, at first, the text presents the methodological path based on a literature review, in terms of scientific articles, in five journals in the field of Brazilian PE. Regarding the results, it was noted that, although quantitatively the number of publications on the term is not expressive, qualitatively the debate is intense and plural. It is plural, as it includes different conceptions of the term “experience” by authors such as Walter Benjamin, Larrosa Bondía, Hans-Georg Gadamer and Hildebrandt-Stramann. It is intense because we have noticed the recurrence of articles aimed at training PE teachers.

Keywords: Physical Education; Experience; Scientific research;

Introdução

Este artigo nasce tendo como influência principal o trabalho realizado por Oliveira Diehl, Wittizorecki e Neto (2017) que mapearam, entre os anos de 2004 e 2015, a presença do termo experiência na produção científica do campo da Educação Física (EF) disponível na Base de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os autores salientaram, à época da publicação do texto, a experiência como um conceito muito presente no campo da EF brasileira, mas ainda pouco analisado no debate científico da área. Para Oliveira Diehl, Wittizorecki e Neto (2017), se melhor compreendida, a EF pode ganhar uma nova leitura do/no ensino das práticas corporais. Além disso, a prática pedagógica dos professores pode ser alterada no intuito de proporcionar uma maior oferta de experiências para os alunos.

Visto isso, o objetivo deste estudo é analisar a presença do termo “experiência” nos periódicos científicos da EF brasileira. Como a produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica da EF no Brasil tem tratado o termo experiência? A partir das produções mapeadas, a experiência pode ser entendida como uma categoria importante para tratar das especificidades do campo da EF, como por exemplo, aquelas relacionadas às práticas corporais?

Kunz (2002) salienta que as práticas corporais são um conjunto de ações que promovem a maturidade dos sujeitos. Logo, cabe aos professores construírem as condições pedagógicas para que as melhores relações humanas possam se estabelecer na socialização desta riqueza cultural. Sendo, portanto, incubência dos alunos, apreenderem e reconstruírem a experiência e o conhecimento humano constitutivo dessas práticas. Contudo, é importante destacar que em algumas atividades inseridas nas aulas de EF o que predomina é a individualidade do movimento, fato que impede que as experiências sejam compartilhadas. Assim, pelo fato dos alunos terem diferentes níveis de desenvolvimento, suas experiências são diferentes; como estratégia, muitos professores precisam usar o trabalho em grupo como forma de interação dos alunos e como recurso de compartilhamento das experiências. Nessa esteira, Silva e Damini (2005, p. 190) argumentam que:

A ideia de grupo também é exemplar na direção da desconstrução de uma valorização excessiva daqueles que são modelos, seja por sua melhor

performance, seja porque são favorecidos no processo pedagógico, inclusive desmistificando um certo poder e desnível como que inerentes às posições professor e aluno.

Neste viés, Silva e Damiani (2005) defendem que o empobrecimento das experiências corporais só será solucionado mediante as possibilidades de percepção e expressão. A esse respeito, Bondía (2002) propõe que pensemos a educação a partir do par categorial experiência/sentido, uma vez que esse par tem sido banalizado e, conseqüentemente, tornado-se raro e pouco explorado no processo pedagógico.

No universo da EF escolar, a elaboração das experiências nas aulas se dá, principalmente, através do movimento corporal. Este, por sua vez, é tratado como parte da formação escolar que abrange o pensar, sentir e o agir de modo simultâneo. Desse modo, as experiências podem ser compreendidas como um meio de “expor” o aluno durante a aula, apontando as suas fragilidades (medos e/ou dificuldades) e conquistas (desenvoltura e/ou facilidades). Nesse sentido, Vaz (2002) destaca o ambiente escolar com um espaço de construção do conhecimento que contribui para a formação das experiências.

Dentro deste cenário, a EF pode contribuir com a emancipação dos alunos, uma vez que permite o pensamento crítico e reflexivo, potencializando a capacidade de formação dos alunos e/ou transformação que são próprias das experiências corporais. Vaz (2002) salienta, ainda, que as práticas corporais são ações reflexivas que possibilitam a aproximação entre os sujeitos. Assim, tornam-se mecanismos de leitura e reflexão do mundo, além de aprimorar a expressão, a linguagem, a autonomia e o prazer dos sujeitos. A hipótese deste artigo é que o campo científico da EF brasileira tem intensificado o debate envolvendo o termo experiência no bojo das práticas corporais, fato que se torna necessário para propor uma formação humana que tenha o movimento como elemento importante. Para responder a essas problematizações o trabalho será constituído em duas etapas: 1) apresentar o percurso metodológico e mapear o conceito de experiência nas revistas brasileiras de EF, analisando como se dá seu aparecimento e; 2) enunciar, a título conclusivo, que a noção de experiência ligada à formação de professores parece abrir dois caminhos interessantes para as subáreas sociocultural e pedagógica da EF brasileira.

A presença do termo “experiência” nas produções científicas da Educação Física brasileira

A presença da categoria experiência no âmbito da produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira

Reconhecemos a importância do trabalho já realizado por Oliveira Diehl, Wittizorecki e Neto (2017) que mapearam a presença do termo experiência na produção científica do campo (artigos, dissertações e teses) disponível na Base de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos de 2004 e 2015. Após o mapeamento, os autores concluíram que os trabalhos analisados contêm conceitos apresentados por autores provenientes de diferentes concepções filosóficas e sociológicas. Contudo, salientam também que ainda é incipiente o trato do termo experiência a partir de um viés epistemológico e apontam a necessidade de se discutir mais a experiência no que tange a formação docente no âmbito da EF escolar.

Partindo destas contribuições de Oliveira Diehl, Wittizorecki e Neto (2017), acreditamos ser importante insistir e ampliar o mapeamento sobre o termo “experiência” realizando uma pesquisa bibliográfica que busque abarcar todos os artigos produzidos em cinco revistas do campo da EF brasileira. Lakatos e Marconi (2003) definem a pesquisa bibliográfica como um tipo de investigação ou procedimento metodológico que realiza um apanhado geral de um determinado assunto, apresentando ao pesquisador o que se tem produzido em determinada área.

Diante disto, realizou-se um mapeamento das revistas científicas da EF brasileira. Para a sua seleção foram levantados alguns critérios: 1) revistas que publicam artigos na área da EF escolar e das ciências humanas; 2) que tenham artigos em português; 3) com qualificações Qualis/CAPES (2013-2016) que apresentaram estrato de A1 até B2 e; 4) que possuem publicações com frequência trimestrais ou semestrais. Assim, observa-se que as revistas selecionadas foram as revistas: Motrivivência; Pensar a Prática; Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e Revista Motriz.

Para a realização do mapeamento, na caixa de busca de cada revista foi digitado o termo “experiência”. Inicialmente foram mapeados aqueles artigos que fizeram referência ao termo a partir da primeira publicação das respectivas revistas¹ até o ano de 2019. Num segundo momento, foi feita a seleção dos artigos, dando ênfase nas palavras-chaves e resumos. Os artigos que foram selecionados eram aqueles que possuíam, além da expressão “experiência” em seu corpo textual, algum tipo de debate sobre o termo; haja vista que muitas vezes o termo apareceu atrelado com a biografia dos autores e não propriamente ao texto. Posteriormente, foi realizada a quantificação dos dados

encontrados, apresentando os números de artigos de cada revista. De tal modo, o quadro 1 expõem com maior clareza os dados encontrados.

Quadro 1 – Artigos que fazem alusão ao termo “experiência” em cada periódico (resultado em números).

Termos/Periódicos	Motrivivência	Pensar a Prática	Revista Movimento	RBCE	Revista Motriz	TOTAL
Resultados gerais a partir da pesquisa do termo “experiência”	52	4	221	41	29	347
A presença da palavra/termo “experiência” nos artigos e ensaios	15	3	23	9	8	58
Artigos que discutiram temas relacionados à “experiência”	9	1	14	3	5	32

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após o levantamento foi observado um total de 32 artigos que traziam o termo/palavra “experiência”, número este que precisou ser reduzido, visto que, apesar de possuir o termo “experiência”, alguns artigos analisados não traziam nada de construtivo para a sua compreensão, ou seja, o termo era observado como uma palavra isolada, sem discussão conceitual. Outro elemento de exclusão foi o fato de que a maioria dos resultados encontrados na caixa de busca das revistas serem relatos de experiências. Nesse sentido, a presença do termo “experiência” se justificava apenas enquanto procedimento metodológico de pesquisa. Assim, apesar de apresentarem o termo/palavra “experiência” não traziam nenhuma discussão sociológica e/ou filosófica que permitesse a compreensão do assunto.

Utilizamos, como exemplo, o trabalho de Pinheiro *et al.* (2011). Aqui podemos observar que os autores não se comprometem em discutir o termo “experiência”, por mais que ele apareça no título do artigo e o estudo realizado por eles se propõe em analisar as principais causas de dores e lesões em atletas femininas, averiguando as estratégias utilizadas pelas competidoras para superar as lesões e dores. Outro exemplo que foi excluído pode ser encontrado em Oliveira *et al.* (2015). Nessa obra, observa-se que de fato aparece o termo, porém ele é atrelado aos relatos de experiências, ou seja,

procedimento metodológico da pesquisa.

Ambos os exemplos ilustram os principais motivos da exclusão dos artigos, uma vez que eles não se comprometeram em discutir o termo “experiência”. De tal modo, dos 32 artigos iniciais, o número de trabalhos foi reduzido para o quantitativo de 12, que foram lidos na íntegra. Cronologicamente, o primeiro artigo mapeado que discute o termo é de Palma e Felipe (1999) e o último de Rabelo *et al.* (2019). Vale a pena salientar que até o ano de 2010 encontramos apenas quatro artigos que se debruçaram sobre o debate conceitual a respeito do termo “experiência”: Palma e Felipe (1999), Batalha-Lemke (2008), Hirai e Cardoso (2009) e Loyola *et al.* (2010).

Inicialmente, Palma e Felipe (1999) apresentam uma reflexão sobre a pobreza de experiências na capoeira. Para isso, os autores se baseiam na teoria de Walter Benjamin para refletir sobre a apropriação das práticas culturais. Além disso, argumentam sobre fragilidades no intercâmbio de experiências no processo de aprendizagem dessa prática corporal. Deste modo, para Palma e Felipe (1999, p. 53):

[...] A experiência perdeu espaço para a vivência. Para Benjamin, a primeira significa um traço cultural enraizado na tradição, o qual consiste em dados acumulados que se combinam, por vezes, inconscientemente. Por outro lado, a vivência é esta outra forma de se relacionar consigo próprio e com o coletivo, nas sociedades capitalistas modernas, em torno de configurações específicas.

Palma e Felipe (1999) apontam as possibilidades da capoeira em transmitir experiências, contribuindo para a formação da identidade dos sujeitos. Nesse sentido, os autores ressaltam a necessidade de reconfigurar a capoeira de uma mera técnica para uma prática educativa, focando no processo de ensinar. Também é apresentada a urgência de estimular os praticantes, a partir dos saberes que já possuem. Por fim, percebe-se a importância de permitir a experimentação na possibilidade de vivenciar os elementos essenciais da capoeira, ampliando as experiências corporais.

Posteriormente, Batalha-Lemke (2008) apresenta a concepção de EF aberta à experiência. Nessa abordagem de ensino o diálogo é construído a partir da obra de Hildebrandt-Stramann. Nota-se que essa concepção aponta a existência de dois mundos, sendo eles: o mundo virtual e o mundo vivido. Nesse cenário, a experiência tem a capacidade de promover o diálogo da realidade cotidiana dos alunos. Para esse autor, nessa concepção de ensino é relevante discutir sobre os conceitos de educação,

desenvolvimento, movimento, aprendizagem, ensino e escola. De tal forma, a comunicação/diálogo é essencial na relação professor-aluno, pois é configurada como uma ação didático-pedagógica de extrema importância nas aulas. O autor comenta que:

O educador não pode dispor da ação de alguém, isto é, não é possível transformar a intenção do professor em ação no aluno, e por isto, a educação deve possuir um significado de se promover a autoeducação, a partir de um diálogo com o mundo da vida. Nesta concepção de educação torna-se necessário refletir as relações do aluno – decidido e disposto – com as mudanças de ordem política, histórico-social, cultural e ecológica interdependentes no seu cotidiano de vida. (BATALHA-LEMKE, 2008, P. 258-259)

Ampliando o debate, Batalha-Lemke (2008) apresenta as cinco teses desenvolvidas por Hildebrandt- Stramann para reafirmar que a base pedagógica da aprendizagem motora é a experiência corporal. São elas: 1) é autêntica: necessidade de valorizar a autonomia dos movimentos autênticos da criança; 2) possui caráter de diálogo: o movimento permite a comunicação a partir do estímulo e interesse dos sujeitos; 3) são reações da ação efetiva: atenção ao comprometimento com as tarefas de movimento para que as experiências sejam incorporadas; 4) seu objeto é a incorporação do novo e do desconhecido: procura sair de rotinas habituais e buscar novas expressões de movimento e 5) estão baseadas em auto-esboço projetivos: a execução e a experiência formam uma unidade inseparável para o movimento corporal.

Em conformidade, Hirai e Cardoso (2009) apontam a possibilidade de aplicação do ensino aberto, visto que esta concepção de ensino e aprendizagem é pouco explorada na realidade escolar. Para isso, os autores também se fundamentam na concepção de aulas abertas às experiências de Hildebrandt-Stramann, dando ênfase na ideia de “movimentar-se”. Além disso, reforçam a noção de que o ensino aberto não é simplesmente deixar livre, já que o planejamento e os objetivos se dão através da problematização que orientará a didática do professor. Esses autores defendem que as aulas acontecem a partir dos processos de desafio, questionamento e tarefa. Nessa concepção também existe a substituição do gesto esportivo padronizado, possibilitando o “movimentar-se”, valorizando a subjetividade das formas de movimento.

Loyola, Della Fonte e Figueiredo (2010), por sua vez, apresentam as experiências profissionais na EF no contexto da educação básica a partir da prática docente. Desse modo, os autores buscam compreender as experiências profissionais e as influências

A presença da categoria experiência no âmbito da produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira

advindas da sociedade contemporânea para o trabalho pedagógico. Além disso, Loyola, Della Fonte e Figueiredo (2010) trazem algumas expressões que nos ajudam a compreender a EF na escola. Inicialmente, os autores apontam a EF como uma disciplina *curinga*, ou seja, ela está presente na escola, tem sua relevância, mas a sua voz não é ouvida, tendo pouca autonomia de deliberar as decisões. Também é apresentada pelos autores a recorrência em torna a EF como uma disciplina *menor*, o que a secundariza e a torna menos relevante em relação às demais.

Por fim, é apresentada a EF como uma disciplina de *eventos escolares*. Com isso, transferem para ela a responsabilidade de organizar as festas juninas, dia das mães e etc. Nesse contexto, as autoras percebem que a EF no contexto escolar sofre influências internas e externas, que acabam interferindo nas condições de trabalho dos professores, fato que afeta suas experiências profissionais.

Destarte, é a partir de 2011 que a produção científica sobre o conceito de experiência começa a se intensificar. Notamos que, de 2011 até 2020, foram publicados oito trabalhos. O quadro 2, abaixo, apresenta os respectivos autores e as revistas onde os artigos foram publicados.

Quadro 2 – Artigos que discutem o termo “experiência” entre os anos de 2011 até 2020.

Ano	Autores	Revista
2011	Almeida e Fensterseifer	Movimento
2015	Castro e Kunz	Motrivivência
2016	Fabri; Rossi; Ferreira	Movimento
2017	Diehl; Wittizorecki; Neto	Pensar a prática
2018	Dal-cin e Rezer	RBCE
2018	Lúcio; Grunennvaldt; Rabelo; Moreira	Motrivivência
2018	Mezzaroba e Pich	Pensar a prática
2019	Rabelo; Lúcio; Grunennvaldt; Moreira	Motrivivência

Fonte: elaborado pelos autores

O quadro 2 nos traz algumas informações importantes para o debate sobre experiência. A primeira delas revela-se no fato de a produção científica sobre o termo ainda se apresentar de forma esparsa em termos de autores. Ou seja, apenas dois trabalhos publicados envolvem a (co)autoria dos mesmos pesquisadores: Lúcio *et al.* (2018) e Rabelo *et al.* (2019). Em termos cronológicos, vale a pena notar também que o

ano de 2018 comportou o maior número de trabalhos (três no total). Outro elemento importante das produções oriundas a partir do ano de 2011 é a preocupação com a construção de argumentos teóricos e conceituais sobre o que seria experiência. Nesse sentido, o leitor perceberá que a produção do campo parece rumar para um debate qualitativo a respeito deste termo.

De início, Almeida e Fensterseifer (2011, p. 251) evidenciam que as experiências são tudo aquilo que nos passa, acontece ou nos toca. É compreendido como todo ou qualquer acontecimento que transforma nossos sentidos:

O discurso sobre a cultura corporal de movimento e/ou sobre o movimento se dá no plano conceitual, que não nos permite uma interpretação a partir da experiência, das vivências de movimento/práticas corporais, mas pela sua descrição. Não estamos, porém, negando a dimensão conceitual que se articula com as dimensões procedimentais e atitudinais, mas realçando a valorização da experiência e do saber da experiência como possibilidade de conhecer, fazer e conhecer com esse fazer.

Já Castro e Kunz (2015) apontam que a subjetividade das experiências corporais da criança está no brincar/movimentar-se. Nesse sentido, os autores reforçam a necessidade dos adultos em não interferir no se-movimentar da criança. Logo, o brincar é compreendido como um gesto autêntico, espontâneo e livre. Afinal, ao brincar, as crianças estão construindo suas experiências. De tal modo, “[...] é pelo se-movimentar que ela estabelece relações consigo mesma, com os outros e com o mundo e, por isso, constitui continuamente uma compreensão do mundo pela ação” (CASTRO; KUNZ, 2015, p.46).

Ademais, para Castro e Kunz (2015), a escola é o espaço que mais colabora para a formação e controle da subjetividade da criança visto que, nesse espaço, as crianças passam grande parte do dia. Porém, percebemos que a experiência é cada vez mais rara na atualidade e, nesse cenário, a escola não se atenta para essas vivências dos alunos. Os autores evidenciam que nas aulas de EF os movimentos são transmitidos e controlados pelos professores que acabam dominando os movimentos dos alunos, evitando, assim, o surgimento de novos movimentos. Com isso, o aluno passa a ser um simples repetidor de gestos. Percebe-se, que essas ações são prejudiciais para os alunos, afinal, afasta as crianças das experiências corporais.

A presença da categoria experiência no âmbito da produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira

A partir das narrativas dos estudantes, Fabri, Rossi e Ferreira (2016) buscaram compreender as experiências negativas e positivas apresentadas pelos alunos. Para explicar o termo, os autores se fundamentam na concepção de Larrosa Bondía (2002). Para ele, experiência é aquilo que se passa em nossa volta, que nos toca e transforma. Ou seja, não é qualquer coisa que acontece, mas aquilo que constrói sentidos e significados, transformando os indivíduos. No cenário da EF, podemos perceber que as experiências se constituem no corpo em contato com o movimento. Porém, Fabri, Rossi e Ferreira (2016) reforçam que as fragilidades, os medos, as dificuldades e as vitórias, permitem a construção de uma determinada experiência, seja ela, positiva ou negativa, podendo acolher ou distanciar os alunos das aulas de EF.

Oliveira Diehl, Wittizorecki e Molina Neto (2017) realizaram um mapeamento das produções científicas que estabelecem relações entre as experiências e o campo da docência em EF, discutindo sobre as diferentes vertentes que abordam o debate. Segundo a pesquisa o conceito de experiência se associa aos seguintes autores: John Dewey; Edward P. Thompson; François Dubet; Walter Benjamin e Hans-Georg Gadamer. Vale destacar que o diálogo de autores de diversos momentos históricos e correntes de conhecimento distintas permite observar as aproximações em que cada vertente apresenta, bem como o modo de pensar a respeito da experiência, assim, permitindo uma ampla argumentação.

Nessa linha, Dal-Cin e Rezer (2018), sugerem que se discuta o termo experiência na perspectiva de Gadamer. Para eles, a experiência ou *experiência estética* é o processo de se sentir tocado, que cause uma comoção, admiração, perplexidade e etc. Nesse sentido, há a possibilidade de uma abertura para compreendermos o processo de ensino na EF, visto que a arte do diálogo possibilita um olhar sensível para o mundo, estabelecendo um relacionamento mútuo entre professor e aluno.

Outros autores que se debruçaram sobre o conceito foram Lúcio *et al.* (2018). Eles apresentam as possibilidades em compreender os significados das experiências e as subjetividades na prática de ensino da EF. Eles ainda compreendem que as práticas corporais na Educação Infantil são necessárias, afinal, enriquecem as experiências e ampliam o repertório motor das crianças. Por isso, a ênfase deve ser voltada para brincar e o movimentar-se. De acordo com esses autores as experiências dos professores

podem contribuir para sua a prática pedagógica, visto que os saberes docentes são conhecimentos que vão sendo adquiridos ao longo do processo de formação, sendo consumado durante a prática profissional. Nesse contexto, Lúcio *et al.* (2018) reconhecem que as experiências podem estar associadas aos acontecimentos que se passam com os professores no espaço escolar e os caminhos percorridos por eles servem como meio de construção e/ou reconstrução de seus conhecimentos.

Já Mezzaroba e Pich (2018) realizaram análise documental das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores de Educação Básica e também das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores de EF (DCNEF). Para tal, a partir da concepção de experiência do filósofo Walter Benjaminⁱⁱ, os autores procuram desvelar como esses documentos apresentam suas concepções de formação de professores no que tange aos saberes relacionados à experiência. De acordo com Mezzaroba e Pich (2018), no documento do DCNEF o termo “experiência” aparece apenas uma única vez no artigo 6, § 3º, item VI, associado com as competências de formação de professores. Enquanto isso, o termo “competências” é citado 23 vezes, o que remete a noção da presença das competências na formação de professores. Outro ponto que chama a atenção é o artigo 7 em relação a autonomia. Nele, o processo de formação deve valorizar as habilidades de autonomia e deve considerar as capacidades de reflexão.

Logo, Mezzaroba e Pich (2018) percebem que existe um descompasso na compreensão da experiência, visto que na DCNEF existe uma ênfase nos aspectos práticos e na redução do saber teórico, o que impede a compreensão aperfeiçoada sobre as experiências, fazendo que a mesma, encontre-se empobrecida e encarada na lógica do experimento. Os autores ainda apontam que no documento DCNEF consta que a formação de professores de EF deve ser amparada por uma perspectiva generalista, humanista e crítica, cabendo ao professor à análise crítica da realidade social, contribuindo para o enriquecimento cultural dos sujeitos, ampliando as suas experiências.

Nesse sentido, Mezzaroba e Pich (2018, p. 698) salientam que as Instituições de Ensino Superior (IES) devem criar mecanismos que valorizem o aproveitamento do conhecimento dos alunos, bem como suas experiências. O documento também reforça

A presença da categoria experiência no âmbito da produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira

que na formação dos professores de EF deve considerar a indissociabilidade entre a teoria e prática, seguindo a proposta curricular. Desse modo, os autores dizem que precisamos menos pensar a experiência a partir de uma perspectiva formativa teleológica e mais considerá-la como elemento que acontece na relação de aprendizagem que vai para além da simples reprodução.

Diante dessas análises podemos estabelecer algumas reflexões sobre a compreensão da experiência na EF brasileira. De modo geral, percebem-se articulações entre perspectivas teóricas sobre o termo experiência e seus impactos para os alunos e os professores nas aulas de EF. A produção do campo parece mostrar que é fundamental pensar no processo de aprendizagem que não se feche a movimentos corporais pré-determinados pelo professor, fato que tende a empobrecer a relação dos praticantes com as mais diversas manifestações da cultura corporal. Fundamental, então, torna-se o resgate de uma ideia de experiência que seja construída levando em consideração o sujeito que experimenta e seus sentidos/significados.

Possibilidades de caminhos entre a noção de experiência e as subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira

O objetivo deste estudo foi analisar a presença do termo “experiência” em cinco periódicos científicos da EF brasileira. Apesar de quantitativamente o número de publicações sobre o termo não ser expressivo, notamos que qualitativamente o debate é intenso e plural. É plural, pois comporta diversas concepções filosóficas e sociológicas sobre o seu entendimento. Essa conclusão corrobora com aquela já realizada por Oliveira Diehl, Wittizorecki e Molina Neto (2017).

Além disso, concluímos que o debate também tem se apresentado de modo intenso, sobretudo pelo fato de termos percebido a recorrência de artigos voltados para a formação de professores de EF. O debate sobre a noção de experiência e a formação de professores parece abrir dois caminhos interessantes para as subáreas sociocultural e pedagógica da EF brasileira, a saber: 1) a constatação de que o debate conceitual sobre “experiência” é interessante e tem se ramificado para a tentativa de contribuir com as especificidades da subárea sociocultural e pedagógica e, 2) a importância da experiência corporal no processo de formação humana.

O debate conceitual transitou a partir das teorias de autores como Walter Benjamin,

Larrosa Bondía; Hans-Georg Gadamer e Hildebrandt-Stramann. Aliás, é nas contribuições deste último que começamos a notar um movimento de aproximação entre as visões filosóficas e sociológicas da noção de experiência e as especificidades da prática pedagógica da EF escolar. Percebemos, a partir de Loyola, Della Fonte e Figueiredo (2010) a intensificação de um movimento na produção científica do campo que objetivou refletir sobre a (re)construção de outras experiências no âmbito da EF escolar.

Ou seja, o debate parece ter se direcionado para o reconhecimento de que as experiências oportunizadas nas aulas de EF tem sua importância e é preciso que a instituição escolar respeite e entenda as especificidades corporais dos sujeitos (Castro; Kunz, 2015). Assim, as publicações sobre experiência auxiliaram o campo na construção de debates que fujam daquela perspectiva de controle do corpo e da linguagem.

Nesse sentido, torna-se urgente pensar as experiências corporais como fenômenos importantes da formação humana sejam dentro da escola e/ou fora dela. Para tal, as experiências oriundas dos esportes e das mais diversas práticas corporais ganham significado na vida dos indivíduos, marcando-os e dando ao componente curricular EF uma importância pedagógica para além do ensino técnico e pragmático.

Referências

ALMEIDA, Luciano de; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O lugar da experiência no âmbito da Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 247-263, 2011.

BATALHA-LEMKE, Jozilma. Educação Física aberta à experiência – uma concepção didática em discussão. Reiner Hildebrandt-Stramann. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 10, p. 253-273, 2008.

BENJAMIN, V. **Magia, Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação**, v. 1, n. 19, p. 20-169, 2002.

CASTRO, Felipe Barroso de; KUNZ, Elenor O controle da subjetividade e das experiências corporais sensíveis: implicações para o brincar e se-movimentar da criança. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 44-57, 2015.

DAL-CIN, Jamile; REZER, Ricardo. Experiência estética e formação inicial de professores: um olhar para o campo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 1, n. 40, p. 32-38, 2018.

A presença da categoria experiência no âmbito da produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física brasileira

FABRI, Eliane; ROSSI, Fernanda; FERREIRA Lilian A. Episódios marcantes das aulas de educação física: valorizando as experiências dos alunos por meio de narrativas. **Revista Movimento**, v. 22, n. 2, p. 583-596, 2016.

HIRAI, Rodrigo Tetsuo; CARDOSO, Carlos Luiz. Possibilidades para o Ensino Orientado na Problematização: Para a Realização da Concepção de “Aulas Abertas às Experiências”. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 99-116, 2009.

KUNZ, Elenor et al. **Didática da educação física**. 2. ed. Ijuí: Inijuí, 2002. 160 p. 2 v.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LOYOLA, Rosângela da Conceição; DELLA FONTE, Sandra Soares; FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À EDUCAÇÃO FÍSICA EM CONTEXTO ESCOLAR. **Revista Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v.17, n.01, p. 177 - 193, mar. 2011.

LÚCIO et al., Géssica Adriana de Carvalho. Experiências de ensino e subjetividades imanentes configurando práticas de professores de Educação Física da educação infantil. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 56, p. 100-119, 2018.

MEZARROBA, Cristiano; PICH, Santiago. O Conceito de Experiência em Benjamin: Considerações analisando as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores de educação básica e de professores de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 03, p. 690-700, 2018.

OLIVEIRA, João Paulo dos Santos et al. Produção do conhecimento em educação física no chão da escola através do estágio supervisionado: relato de experiência com estudantes da Educação com Jovens e Adultos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 247-261, 2015.

OLIVEIRA DIEHL, V. R., WITTIZORECKI, E. S., & NETO, V. M. Estado do conhecimento: a categoria experiência no âmbito da Educação Física. **Pensar a Prática**, v. 20, n.01, p. 182-193, 2017.

PALMA, Alexandre; FELIPE, Jorge A experiência da capoeira e a pobreza da educação física: uma reflexão sobre as práticas de atividade física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 5, p. 51- 57, 1999.

PINHEIRO, Maria Claudia et al. EXPERIÊNCIAS DE DOR E LESÃO NO DESPORTO FEMININO. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 101-121, out. 2011

RABELO, Viviani Darolt et al,. Formação continuada de professores de Educação Física: relatos de uma experiência na educação infantil. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 1-19, 2019.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. **Práticas Corporais: Experiências em Educação**

Física para uma formação humana. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005. 214 p.

VAZ, Alexandre Fernandez. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (Orgs.). **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de educação física.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

Notas

ⁱ A primeira publicação da revista Pensar a Prática data do ano de 1998. A Movimento teve seu primeiro número publicado em 1994; a Motrivivência em 1988; a RBCE em 1979 e a Revista Motriz em 1995. Neste trabalho o primeiro artigo mapeado sobre o termo “experiência” foi publicado na revista Movimento no ano de 1999.

ⁱⁱ Para Benjamin (1987) o conceito de experiência refere-se a um tipo de saber que é acumulado no transcorrer das gerações e que é intercambiado pelas pessoas, geralmente, por meio de fábulas, provérbios, parábolas e histórias, possuindo um caráter de herança, de algo que se passa a posteridade, principalmente aos jovens. É transmitido, ou como o autor costuma colocar, intercambiado.

Sobre os autores

Daniel Monteiro do Carmo Braga

Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás - UEG.

E-mail: danibraga719@gmail.com Orcid: <https://orcid.org>

George Ivan da Silva Holanda

Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Mestrando em Educação Física pelo programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás – UFG.

E-mail: geo.holandao7@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4671-7555>

Gabriel Carvalho Bungenstab

Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Efetivo do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação (GEPELC - UFG) e do Observatório de Educação Física e Esporte (OEFE-UEM). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: gabrielcarv@msn.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3100-1538>

Recebido em: 05/07/2021

Aceito para publicação em: 22/09/2021